

MOTA DRUMMOND, Juliana Alves. **A individuação, os afetos musicais e as contas de lágrimas colhidas pelo caminho.** São João Del Rei, Universidade Federal de São João Del Rei. Departamento de Artes da Cena, Universidade Federal de São João Del Rei. Professora Adjunta Nível IV.

RESUMO: O texto apresenta uma primeira hipótese de utilização dos “Afetos Musicais” como caminho para o processo de individuação do ator que canta em cena. Nele também são retomados pilares fundamentais do nosso trabalho dentro do grupo de pesquisa CASA ABERTA, da Universidade Federal de São João Del Rei.

PALAVRAS CHAVE: Voz; individuação; afetos musicais.

ABSTRACT: The text presents a first hypothesis of the use of "Musical Affections" as a way for the process of individuation of the actor who sings on the scene. In it are also taken up fundamental pillars of our work within the research group CASA ABERTA, Federal University of São João Del Rei.

KEYWORDS: Voice; individuation; musical affections.

Intuição. Esta é uma palavra que tem me guiado a vida toda dentro da academia, como uma fé em algo que me guia internamente. Uma intuição de que a minha experiência é marcada por mais do que aquilo que já pude viver até aqui. Fui achar em Jung algo que meus tios no Congado já me transmitiam sem que eu tomasse consciência. Existem conhecimentos que estão depositados em nosso inconsciente e que transcendem a nossa individualidade. Há alguns anos comecei investigar a evocação, potência e encontro com arquétipos em decorrência do uso da voz do ator em cena. De alguma forma percebi na sala de ensaio conteúdos, posturas e níveis de intensidade de presença que carregavam em si informações, lembranças e conhecimentos que ultrapassavam a experiência pessoal dos atores, que os aproximava de algo maior.

Cabe aqui retomar o que tenho chamado de *arquétipos sonoros, afetos musicais e canto relacional*. Por arquétipo sonoro entendo a manifestação

vocal capaz de convocar imagens e conteúdos do inconsciente em cena, chamo de afeto musical toda experiência musical que transforma a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo e canto relacional uma prática de canto no teatro que nos conecta com uma coletividade perdida.

Sobre o encontro com o arquétipo do velho sábio e da grande mãe refleti um pouco em um trabalho anterior, ao analisar a construção do espetáculo Quintal<sup>1</sup>. No entanto, agora, consigo perceber uma nova pergunta (rodeada de alegria e vibração) se aproximando: seria o encontro com os ensinamentos do *self*, como definiremos a seguir, a partir dos afetos musicais cantados em cena, um poderoso caminho para atingir o estado de presença? Seria ele o elemento fundamental para ativar a qualidade relacional do canto que tanto almejamos?

O *self* pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser aprendido por meio da investigação dos sonhos de cada um. E esses sonhos mostram-no como centro regulador que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. No entanto, esse aspecto mais rico e mais total da psique aparece, de início, apenas como uma possibilidade inata. Ele pode emergir de maneira insuficiente e então desenvolver-se de modo quase completo ao longo de nossa existência; o quanto vai evoluir depende do desejo do ego de ouvir ou não as suas mensagens. (JUNG, 2013, p. 213)

Começo a acreditar que já vivi na carne este encontro comigo mesma a partir da minha voz, repito como um mantra que o momento em que me sinto mais viva, plena é quando estou em cena cantando e, mesmo assim, demorei 6 anos para perceber a continuação tão natural do caminho que havia percorrido e que estava à minha frente. Tenho falado dos afetos musicais como desencadeadores da cena teatral e percebo agora que o mergulho feito neste processo está mais fundo, mais distante da superfície do rio: o encontro com o *self* como fator determinante para aquilo que chamamos presença no trabalho do ator que canta em cena.

Começo a escrita deste trabalho com a intuição, ou hipótese se preferirem, de que as pessoas se aproximam, se comovem e deixam invadir

---

<sup>1</sup> Espetáculo criado em 2015 pelo grupo de pesquisa e extensão CASA ABERTA a partir do conto "Olhos D'água" de Conceição Evaristo, das músicas coletadas por Mario de Andrade nas missões pelo interior do Brasil e de canções que eram afetos musicais meus.

por aquilo que temos produzido, entre tantas outras coisas, porque – em alguns momentos preciosos - estão presenciando o encontro de um ser humano consigo mesmo, e presenciar tal fato retoma nelas – no seu inconsciente - a experiência acumulada da felicidade<sup>2</sup>, da liberdade e do pavor de estar em contato com o SELF.

Para além das máscaras sociais adotadas, para além da persona que nos localiza no mundo, do ego que nos regula e da sombra que escondemos, algo de maior, que envolve tudo isso se manifesta em breves momentos de conexão entre ator, espectador e o SELF proposto por Jung.

Ao reconhecer sua existência na arte como possibilidade de desenvolvimento de tal encontro íntimo consigo mesmo o ator se torna capaz de utilizar tal potência represada a seu favor, a favor da criação e da cena. Talvez as pessoas que têm se aproximado de mim nas orientações, no grupo, nas criações estejam buscando essa lembrança do encontro consigo mesmas e com a natureza a partir do canto. Talvez elas compartilhem da mesma intuição que me rodeia. Penso que o canto, quando desencadeado pelos afetos musicais individuais de cada ator desempenha nele o papel de função transcendente, fazendo com que a partir de memórias do consciente sejam despertadas lembranças do inconsciente.

É fundamental ressaltar que o *self* para Jung está vinculado à imagem arquetípica da totalidade, do impulso potencializador do ser humano, várias vezes aparecendo nos sonhos e nos *insights* na forma do círculo, da mandala. O encontro com tal conteúdo especial nos guia no processo de individuação.

Num momento de grande indefinição na minha vida, quando não sabia exatamente que rumo tomar no campo pessoal meu inconsciente me presenteou com um sonho muito potente: era noite, existia um prédio de três andares em formato de L. Abraçados por esse L estavam mesas e cadeiras na calçada que invadiam levemente a rua. Existia um grupo que tocava sambas e choros e pessoas espalhadas entre as cadeiras e pelo parapeito do prédio. Do outro lado da rua um muro comprido e branco delimitava a paisagem. Começaram a tocar a música que foi cantada na missa de sétimo dia da minha mãe e em meu casamento, As rosas não falam. Comecei a cantar a música

---

<sup>2</sup> Felicidade aqui é utilizada em consonância com as ideias de Espinosa, representada por um aumento da potência de agir do ser humano.

muito lentamente, sentada da mesma forma como estava sentada antes e a voz gradualmente foi tomando conta de tudo ao redor. A voz crescia, tocava as pessoas que começavam a compartilhar daquele momento comigo e uma descarga de vibração tomava conta de mim. Quase que recolhida no meio daquele círculo irregular de luzinhas e rostos na noite, eu cantava. Acordei e a descarga continuava ali presente. Era um lugar já conhecido, experimentado com muita potência no espetáculo *Motriz*<sup>3</sup>, mas também nos ensaios com Marcos Filho<sup>4</sup>, e em algumas outras apresentações que já havia feito. A vida que tomava conta do meu corpo naquele momento era especial, e eu desperta na madrugada sabia disso.

Esse sonho me mostrou, meses atrás, o que venho escrever agora. Os afetos musicais me aproximam do encontro comigo mesma. Acordei sabendo exatamente o que deveria fazer. No sonho eu não estava à mostra, o ego dava espaço para um eu outro aparecer. Não era qualquer música a ser cantada, era a música da missa de mamãe. Era um afeto impregnado em mim que retornava no sonho. Ao mesmo tempo a lembrança que aquele ato de cantar me trazia me ligava também a um lugar anterior. Pistas.

É preciso dar as mãos e abrir os ouvidos para aqueles que vieram antes de nós. Para mim, os parceiros neste caminho são os registros existentes do *Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá* e também minhas tias, tios, primas, minas avós dançando em minha memória, o lugar mítico da voz de Francesca della Mônica<sup>5</sup>, Mario Biagini com sua liderança no *Open Program*<sup>6</sup> e as palavras de Conceição Evaristo que tão fortemente me servem de espelho. Por eles e com eles tenho guiado o trabalho do grupo de pesquisa e programa

---

<sup>3</sup> Espetáculo criado em parceria com Maria Clara Ferrer, em que eu durante cerca de 35 minutos falava e cantava envolta pela escuridão. *Motriz* reuniu minhas pesquisas sobre os arquétipos sonoros e os afetos musicais e também “Dramas da percepção” desenvolvida por Ferrer. Sobre este trabalho, podem ser encontradas informações em “O ouvinte visionário” publicado na revista *Sala Preta*.

<sup>4</sup> Compositor, pianista e professor do Departamento de Música da Universidade Federal de São João Del Rei.

<sup>5</sup> Francesca della Monica é cantora italiana e pesquisadora da voz. Tratando de temas como a Arqueologia da Voz e a Dimensão Gestual do material vocal, nos últimos 12 anos têm desenvolvido um intenso trabalho no Brasil em parceria com companhias teatrais e diretores de grande reconhecimento como Clowns de Shakespeare, Ernani Maletta, Gabriel Vilella e também com o Grupo de pesquisa e programa de extensão CASA ABERTA.

<sup>6</sup> O Open Program é um dos grupos de pesquisa do Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards situado em Pontedera (IT) e dirigido por Mario Biagini. O grupo reúne artistas de diversas partes do mundo num intenso trabalho de verticalização da pesquisa sobre a influência de cantos tradicionais dentro do trabalho teatral.

de extensão CASA ABERTA dentro da UFSJ. A partir dos atravessamentos deles em mim.

Os cantos tradicionais como meus afetos musicais e conectores de um conteúdo ancestral depositado no inconsciente são retirados do terreiro da casa de minha avó, e apesar de nunca ter participado de uma guarda de congado, e também de nunca ter sido integrante do *Open Program* vivi com muita intensidade o encontro com todos eles, senti uma vida semelhante àquela experimentada no sonho. O processo de individuação talvez já estivesse acontecendo ali, desde o primeiro arrepio que tomou conta do corpo durante uma festa do Reinado, nesse meu caminho errante construído com contas de lágrimas. Sigo em passos pequenos e fortes como os passos de Maria de Virgulino e Maria do Joaquim, minhas avós que já partiram e que continuam presentes aqui, dentro de mim.

Cada conta de lágrima que compõe esse rosário de idéias tecido pelo caminho, é um presente que me é dado.

Sou grata pelas inspirações dos parceiros terrenos e ancestrais

Sou grata ao que me lembro e ao que me é lembrado

Firmo aqui minha precisão de existir. (Acervo pessoal)

## Referências Bibliográficas

CHAUI, Marilena. Desejo, Paixão e Ação na ética de Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JUNG, Carl (Org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KISHIMOTO, Alexandre. TRONCARELLI, Maria Cristina. DIAS, Paulo Anderson Fernandes. (ORG). *O Reinado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Canhueira!, 2015

MOTA DRUMMOND, Juliana Mota. Voz e presença: a utilização dos arquétipos sonoros no trabalho do ator. Ouro Preto: Revista Ephemera, 2018.

MOTA DRUMMOND, Juliana Mota; FERRER, Maria Clara. O ouvinte imaginário: a hipótese de um teatro hipnótico. São Paulo: Revista Sala Preta, 2017

SILVEIRA, Nise da. Jung: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2007.